

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

## FORMAR CIDADÃOS: CRENÇA OU REALIDADE

Silvane Lopes<sup>1</sup>  
Yedda Lemos Sperotto<sup>2</sup>  
Laura Beatriz da Silva Spanivello<sup>3</sup>

**Resumo:** Ser professor de Língua Portuguesa exige a arte do bem falar e do bem escrever. Seu trabalho no universo escolar agrega objetivos como: formar cidadão, elevar a auto-estima do aluno, desenvolver a leitura e a escrita de forma quase mágica. Partimos de Bakhtin (2003), Geraldi (2002) e Faraco (2009) para formalizar os conceitos norteadores da disciplina citada, após Fernandes (2011), Silveira (2009) e Viana (2013) servirão de embasamento teórico inicial para levantarmos dados juntamente com discentes de outras licenciaturas oferecidas pelo IFPR- Câmpus Palmas, a fim de investigar se tais mitos concretizam-se também na realidade do Município de Palmas-PR.

**Palavras-chave:** Mitos. Educação. Escola.

### Introdução

Durante as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI, a escola e a disciplina de português passaram por modificações em relação às concepções e aos objetos de ensino, com as modificações ocorridas podemos observar varios mitos que cercam o cotidiano escolar. Bakhtin aponta que nos constituímos como sujeitos sócio-históricos no seio das diversas interações das quais participamos. A profissão de professor de língua portuguesa é recente. Até 1930, a maior parte dos professores, era oriunda das Faculdades de Filosofia, apresentava domínio da gramática normativa, dos conhecimentos literários, da retórica e da poética. Nessa época surgiu um mito que nos chama à atenção “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. A maioria dos professores de língua portuguesa acha que a gramática é fundamental na vida das pessoas, para ser “cultura” necessita conhecer as regras gramaticais. É papel do professor, conscientizar o aluno de que existe uma maneira “correta” de escrever e que a língua falada depende do contexto no qual estamos inseridos, é necessário que os educandos tenham conhecimento da gramática, não para fazerem uso constante, mas adequarem à fala de acordo com o contexto no qual estão inseridos. Com base no mito anterior, procuramos descrever neste trabalho alguns mitos e explica-los de uma maneira simples e clara.

1186

### 2. A formação familiar e escolar

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras – Instituto Federal do Paraná. Bolsista CAPES/PIBID – Projeto Língua Portuguesa [silvane.lopes@hotmail.com](mailto:silvane.lopes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras – Instituto Federal do Paraná. Bolsista CAPES/PIBID – Projeto Língua Portuguesa - [yedda\\_sperotto@hotmail.com](mailto:yedda_sperotto@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Letras – UFSM. Professora do Curso de Licenciatura em Letras – Instituto Federal do Paraná. Coordenadora PIBID – Projeto Língua Portuguesa [laura.spanivello@ifpr.edu.br](mailto:laura.spanivello@ifpr.edu.br)

A existência de um núcleo tradicional - com pai, mãe e filhos - não determina a maior atenção à Educação em casa. Esta atenção pode ser garantida em diferentes estruturas familiares. Todos podem estimular a vida escolar dos filhos desde que saibam como. Conhecendo seus alunos e o contexto social em que vivem, a escola pode ajudar as famílias a reconhecer o valor da assiduidade e garantir um ambiente de aprendizado em casa.

E sobre o papel da escola: “será que é sua função elevar a auto-estima dos estudantes?” *Não, temos mais um mito.* A principal função da instituição é ensinar os conteúdos curriculares. O aluno se sente capaz quando reconhece que aprendeu algo e, para que isso ocorra, é preciso que o professor saiba o nível de aprendizagem em que cada aluno encontra-se. Vale lembrar que aprendemos com os erros e a avaliação eficiente é capaz de apontar em quais aspectos cada um pode melhorar. Somente boas condições de aprendizagem podem contribuir para elevar a auto estima rebaixada em relação ao desempenho escolar insuficiente. Quando um estudante com dificuldades é comparado com os melhores da sala, seu esforço pode sinalizar apenas mais um fracasso e o resultado será novamente a desmotivação.

1187

### 3. O professor e o livro didático

À figura do professor somou-se a figura do livro didático, como se oferecer ao professor um livro que pudesse assumir sozinho o papel de ensinar, pudesse se configurar como uma solução para o despreparo. “Para os pequenos, livros ilustrados e com texto curto são os melhores”, *nos deparamos com outro mito.* Desde cedo, as crianças precisam ter contato com bons livros, não só com belas ilustrações, mas também com narrativas de qualidade, isso é o que torna a leitura prazerosa. No passado, o primeiro livro era um presente para as crianças que aprendiam a ler, hoje, no entanto, quanto mais cedo elas entram em contato com o mundo das letras, maiores as possibilidades de tornarem-se futuras leitoras. Publicações com poucas palavras ou frases soltas podem parecer mais adequadas às turmas que ainda não foram alfabetizadas, mas acabam transmitindo a ideia de que a leitura é sempre rápida e fácil. Ao ouvir textos maiores e melhores, os pequenos ampliam progressivamente a capacidade de ouvir e de se concentrar. Ao ter a oportunidade de conhecer a boa literatura, eles entendem, por que vale a pena ler. Para os professores em exercício, nas redes públicas de ensino: “os livros didáticos seriam de dois gêneros: verdadeiros livros de textos para os alunos e livros-roteiros para os professores, para que aprendessem” (Geraldi, 2002, p. 117).

#### 4. A formação do aluno

Do professor responsável pela produção do conhecimento, passamos ao professor responsável pelo controle da aprendizagem. De sábio, pesquisador, produtor de conhecimento, o professor passa a ser um transmissor de um conhecimento já produzido. Então, o que dizer do seguinte mito: “Conteúdo dado é conteúdo aprendido”. O professor ensina, propõe atividades e problemas, mas isso não significa que todos aprendam da mesma forma. Não adianta prosseguir com o cronograma se os alunos não estiverem entendendo. Seguir para o próximo assunto e ignorar aqueles que estão com dificuldade e trazer impactos cada vez mais difíceis de superar. Quando necessário, é preciso voltar ao mesmo assunto com outras formas de abordagem.

O conhecimento deve fazer as pessoas se sentirem inteligentes, capazes, fortes e autônomas. O grande desafio da escola é demonstrar a importância do saber na sociedade moderna e o quanto aprender pode ser desafiante e interessante. É dessa sensação que deve vir à satisfação pelo estudo. As brincadeiras certamente deixam os alunos mais animados, mas, se o objetivo é levar a turma a aprender os conteúdos previstos em cada disciplina, o melhor caminho é propor situações desafiadoras, que façam sentido para o aluno e valorizem o seu esforço em superar limites. Para planejá-la, a primeira condição é conhecer o que todos já sabem. Assim, você não apresenta um desafio tão difícil que possa desmotivá-los nem tão fácil que os desestimele a dedicar tempo a ele.

Observa-se a emergência de novas questões no âmbito da formação do professor. Ressalta-se o distanciamento entre a teoria e a prática, trabalhava-se com um universo imaginário, sem que fosse facultado ao professor em formação o contato crítico e reflexivo com a realidade na qual ele é chamado a atuar, é onde aparece o estágio como atividade teórica que permite conhecer e se aproximar da realidade. É dada ênfase à dificuldade no domínio da língua em sua variante padrão, dificuldade essa constituída ao longo da vida escolar dos professores em formação. Faraco relata que a urbanização intensa e a escolarização em massa puseram em evidencia a realidade sociolinguística do país. A escola negligencia o ensino da linguagem como atividade discursiva, e as aulas se resumem em repetições e assimilações, centradas na gramática normativa. Não se trata de excluir um tipo de gramática para se privilegiar outra, mas permitir que o aluno nas atividades de produção, leitura e escuta de diversos gêneros textuais possa refletir sobre o uso da linguagem, a partir dos diversos fatores existentes, para aprender a manipular o seu discurso de acordo com as situações comunicativas a que for exposto. Portanto, cabe à escola através de um trabalho

pedagógico sistemático possibilitar ao aluno o uso da linguagem oral e escrita nas mais diversas situações comunicativas com plena habilidade para transitar por esses espaços com êxito.

## 5. Conclusão

Para cumprir a função de ensinar bem a língua portuguesa é necessário ter formação e conhecimento acerca do assunto, para saber lidar com os vários mitos e preconceitos que circundam o processo de ensino/aprendizagem da oralidade e da escrita. E dentre eles destacamos a ideia de “erro”, a escola precisa livrar-se desse mito, pois tal crença desvaloriza a fala que identifica o aluno a sua comunidade, o uso de uma das variantes linguísticas é estabelecido a partir da relação entre os falantes e o contexto da fala e não da ideia de uma língua única, em que todos são obrigados a falar e escrever conforme a mesma cartilha.

*O encontro cotidiano entre professores e alunos em sala de aula, com o objetivo de construir o conhecimento, envolve uma série de fatores que vão determinar tanto a qualidade da aprendizagem como a qualidade da formação mais ampla das crianças e jovens que freqüentam a escola. A sala de aula é, pois, um espaço privilegiado de aprendizagem, não somente para o aluno, mas, também para o professor, considerar as falas dos alunos em relação às práticas de seus professores é mais um recurso para análise. É necessário que se delimitem, junto aos professores, objetivos nítidos para cada formação e que essa ocorra de forma contínua, contemplando momentos de acompanhamento da prática docente de maneira particular, no cotidiano das escolas e das salas de aula.*

1189

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2009.

FERNANDES, Elisângela. **15 mitos da educação**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/15-mitos-educacao-621800.shtml>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOMES, Patrícia. **10 mitos e verdades na educação brasileira**. Disponível em: <<http://porvir.org/porcriar/10-mitos-verdades-na-educacao-brasileira/20121106>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Disponível em: [http://www.cead.ufla.br/sisgap/cadSelecao/editais/outros/Estagio%20e%20docencia:%20diferentes%20concepcoesEdital062013\\_2.pdf](http://www.cead.ufla.br/sisgap/cadSelecao/editais/outros/Estagio%20e%20docencia:%20diferentes%20concepcoesEdital062013_2.pdf). Acesso em: 10 ago. 2014.

SANTOS, Maria David. A formação docente e a importância da Sociolinguística na sala de aula. Disponível em: <http://www2.uefs.br:8081/girlene/verArtigo.php?idArtigo=32> Acesso em: 08 ago. 2014.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda. **Formação continuada em língua portuguesa – crenças, expectativas e saberes.** Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3325\\_1495.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3325_1495.pdf). Acesso em: 07 ago. 2014.

VIANA, Marlene Aparecida. **Preconceito Linguístico e o Ensino da Gramática.** Disponível em: <http://pedagogiaaopedaletra.com/preconceito-linguistico-e-o-ensino-da-gramatica/>. Acesso em: 10 ago. 2014.